

“NÓS TEM É QUE FAZER ARTE”: UMA INTERSECÇÃO ENTRE FUNK CARIOCA E MASCULINIDADES JUVENIS NEGRAS NO COMPLEXO DE FAVELAS DA MARÉ

Fernanda da Silva Braga Passos¹
Amana Rocha Mattos²

RESUMO

Este trabalho investiga as relações entre jovens negros do complexo de favelas da Maré, na zona norte do município do Rio de Janeiro, com o Funk Carioca. A produção desta cultura forja-se como uma forma de enfrentamento à Violência de Estado vigente no Brasil. O Funk Carioca é produzido majoritariamente por jovens negros e periféricos, entre 15 e 29 anos. São os jovens negros que majoritariamente morrem em decorrência de ações policiais no Brasil, sendo quatro de cada cinco vítimas. Neste trabalho, entendemos que a produção artística produzida por esses rapazes negros narra suas experiências, via criação musical, além de construir uma disputa no tecido social, tensionando o projeto colonial e produzindo outras masculinidades negras. Assim, realizamos um mapeamento e seleção de DJ's, dançarinos e/ou Mc's de Funk Carioca, entre 15 e 29 anos, residentes nas favelas da Maré, para conhecer melhor esses jovens e seu território. Analisamos entrevistas semi-estruturadas realizadas com três jovens funkeiros acerca de suas experiências criativas, percursos e inserções no território. O material foi trabalhado tomando-se como referencial a Análise do Discurso Crítica e a metodologia interseccional, pensando as articulações de marcadores de idade, gênero, raça, classe e território, a fim de se compreender as múltiplas existências que produzem o Funk Carioca nas favelas da Maré. A análise levou em consideração, ainda, revisão bibliográfica acerca da literatura existente a respeito do Funk Carioca e da juventude negra, e seus atravessamentos como Cultura Popular, Violência de Estado, Racismo Estrutural e Necropolítica.

Palavras-chave: Funk Carioca; Juventude Negra; Violência de Estado; Cultura Popular; Favelas da Maré.

1 Mestranda pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ. fernandapassos@id.uff.br.

2 Professora Associada do Instituto de Psicologia, Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ, coordenadora do DEGENERÁ - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros. Procientista FAPERJ/Uerj, bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. amanamattos@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho que tem como objetivo investigar intersecções entre Funk Carioca e Masculinidades Juvenis Negras no Complexo de Favelas da Maré é um recorte do trabalho de campo que está sendo realizado na fase inicial do projeto de dissertação intitulado “Nós tem é que fazer arte: O Funk Carioca como forma de enfrentamento à Violência de Estado no Complexo de Favelas da Maré”, dando foco às masculinidades juvenis negras em intersecção ao Funk Carioca no Complexo de Favelas da Maré, localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, no estado do Rio de Janeiro. Dessa forma, trazemos recortes de achados iniciais do campo realizado a partir da realização de três entrevistas semiestruturadas, com um homem negro cisgênero héterossexual, uma mulher negra transgênero héterossexual e uma mulher cisgênero héterossexual que não se localizou racialmente, utilizando-se a Metodologia Interseccional como forma de se compreender as múltiplas existências que produzem o Funk Carioca nas favelas da Maré. Consideramos que não apenas os marcadores de gênero e sexualidade, mas também a cisheteronormatividade aparecem de forma explícita ao longo das entrevistas. Interessa-nos abriremos discussões sobre as Masculinidades Negras, mas também sobre a Interseccionalidade, trazendo os marcadores de gênero, raça, classe e território para a discussão. Consideramos que poder falar sobre si, narrar suas experiências, atuais e potenciais, através do gesto criativo, via criação musical, tem oferecido ao jovem preto periférico uma brecha na qual é possível escapar de imagens estereotipadas na direção da construção de uma noção de subjetividade produzida no entremeio das relações sociais onde este é ator ativo nesse processo, construindo uma disputa no tecido social que tensiona o projeto colonial e produz outras masculinidades negras.

METODOLOGIA

Foi realizado um mapeamento e seleção de DJ'S, dançarinos e/ou MC's de Funk Carioca, entre 15 e 29 anos, residentes, frequentadores e/ou trabalhadores das favelas da Maré. O mapeamento e a seleção do público-alvo se deu através de indicações e também procura em redes sociais como Instagram de jovens que em seus perfis pessoais ou profissionais, em suas autodescrições, se atrelassem à prática do Funk na Maré e também através de divulgações em perfis públicos de três bailes funks que acontecem em três favelas distintas na comunidade, também na mesma rede social. Foram contatados, no total, 12 jovens, sendo destes, 3 mulheres e 9 homens. Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas,

contando com a participação de um homem negro cisgênero héterossexual ex residente das favelas da Maré, de 28 anos, DJ e produtor musical; uma mulher negra transgênero héterossexual residente da Maré, de 27 anos e trabalha em diversas frentes culturais porém não especificamente com o Funk Carioca e uma mulher cisgênero héterossexual trabalhadora de um dos bailes funk da Maré e moradora da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, de 32 anos, que demonstrou certa dúvida em como se autodeclarar racialmente. Aqui eles recebem o nome fictício de Cria, Amiga e Princesa, respectivamente, de forma a garantir o sigilo dos participantes. Duas das entrevistas foram executadas presencialmente em locais definidos a priori por esses sujeitos e uma realizada no formato Online através da plataforma Google Meet, acerca de suas experiências e inserções no território, de forma que os entrevistados pudessem discorrer livremente sobre o tema proposto a partir das perguntas disparadoras. O roteiro das entrevistas se baseava em três quatro eixos: análise sociodemográfica dos participantes, suas relações com o Funk Carioca e com o Funk na Maré, suas relações com o território da Maré e como enxergam a violência na Maré, sendo realizadas as seguintes perguntas: (1) Como pra você é ser morador ou trabalhador da Maré?, (2) O que é o Funk para você? Como começou sua relação com ele? Como é trabalhar com funk na Maré?, (3) Qual sua percepção sobre violência na Maré?. Para a análise das entrevistas, foi utilizada a Metodologia Interseccional com articulação dos marcadores de gênero, raça, classe e território. Além de revisão bibliográfica acerca da literatura existente a respeito do Funk Carioca e Masculinidades Juvenis Negras, e seus atravessamentos como Cultura Popular, Violência de Estado, Racismo Estrutural e Necropolítica.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Complexo de Favelas da Maré, conhecido como o maior complexo de favelas da cidade do Rio de Janeiro, habitado por dezesseis favelas, na Zona Norte do município, conta com cerca de cento e trinta mil habitantes, de acordo com o último censo realizado pelo IBGE no ano de 2010. Benevento (2019, p.35), aponta que as favelas da Maré são loteadas por facções rivais de traficantes e milicianos, além do 22º Batalhão de Polícia Militar do Rio de Janeiro, sendo constantes os confrontos entre a polícia e o narcotráfico, além da escassez de diversos serviços públicos em vários pontos das comunidades, faltando assistência às necessidades básicas da população como água encanada, saneamento básico, coleta de lixo e iluminação pública. “Essa realidade deixa os moradores mais vulneráveis à diversas formas de violência e desrespeito ao princípio da dignidade humana,

sofrendo uma série de representações negativas, estereótipos e preconceitos” (BENEVENTO, 2019, p.35). De acordo com Benevento (2019, p.38/39), a maior parte da população residente nas comunidades da Maré são crianças, adolescentes e jovens.

Conforme exposto por Lopes (2011) e Bragança (2020), pode-se afirmar que o Funk Carioca é produzido majoritariamente por jovens negros e periféricos. O Funk Carioca também é um movimento cultural muito associado à territorialidade. Bragança (2020) expõe que, por mais que o movimento seja chamado de Carioca por ser associado ao município do Rio de Janeiro, onde teve sua origem, ele não é restrito à cidade do Rio de Janeiro, alcançando outros municípios, principalmente os que compõem a região metropolitana do Estado.

A autora Renata Souza (2020), jornalista e deputada estadual pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) em 2018, em seu livro intitulado *Cria da Favela: Resistência à Militarização da Vida* define Cultura Popular como experiência e produção, afirmando que é o que ocorre com os bailes funks que acontecem nas ruas das favelas da Maré e de outras favelas do Rio de Janeiro. Souza (2020) caracteriza o Funk como uma cultura e linguagem. E essa forma de expressão da cultura popular se articula em seu nível máximo na favela e, aqui, trata-se, mais especificamente, da Maré. A Maré, que foi ocupada pelas forças militares em 2014, por conta da política de reforço de segurança pública para a realização da Copa do Mundo no Rio de Janeiro, recebeu como uma espécie de castigo o cerceamento de uma das principais expressões culturais das favelas: o Funk. Ao realizar tal ato, o Estado demonstra desconhecer as dinâmicas comunitárias e, cerceando o Funk, estabelece uma série de normas para regular a cultura favelada.

Para Souza (2020), a resistência do Funk Carioca é cultural, mas também é econômica, já que de acordo com uma pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV Opinião³), publicada em 2008, os principais segmentos envolvidos na produção dos bailes Funks eram MC, DJ, equipes de som e camelôs. Também, de acordo com o estudo, os bailes funks apresentam uma renda de 120 milhões de reais por ano, o que corresponde a 10 milhões de reais por mês. E por mais que possa se dar de forma momentânea, o Funk se configura como um meio de subsistência e sobrevivência para a juventude envolvida.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), no documento intitulado “As mortes decorrentes de intervenção policial no Brasil em

3 FGV, Configurações do Mercado Funk no Rio de Janeiro, 2008. disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/fgvopiniao/Configura%C3%83%C2%A7%C3%83%C2%B5es%20do%20mercado%20do%20funk%20no%20Rio%20de%20Janeiro%20-%20FGV%20opini%C3%83%C2%A3o.pdf>>.

2020”, o Brasil atingiu o maior número de mortes em decorrência de ações policiais, sendo a letalidade gerada pela polícia responsável por 12,8% de mortes intencionais. De acordo com o documento, o comparativo das taxas de letalidade entre negros e brancos apresenta que a taxa de letalidade policial entre negro é 2,8 vezes maior que a taxa entre brancos. E são os meninos negros as maiores vítimas dentre todas as faixas etárias, sendo os que mais morrem em decorrência às ações da polícia. Principalmente quando se trata das idades entre 15 e 19 anos, correspondendo à estatística de quatro a cada cinco vítimas.

Como aponta Silvio Almeida (2020), o Racismo é estrutural em nossa sociedade, o que significa dizer que se a estrutura é racista, a sociedade como um todo (indivíduos e instituições) é racista. O Racismo, de acordo como autor, é uma forma sistemática de discriminação que tem como base a raça dos indivíduos para diferentes formas de tratamento e privilégios, e também relaciona-se com a segregação racial, ou seja, a divisão espacial das diferentes raças em locais característicos como bairros e periferias, além de instituições públicas e privadas. É importante sinalizar que os altos índices do genocídio da população negra, em especial o de que a cada 23 minutos um jovem negro é morto no Brasil (Mapa da Violência, 2016), relacionam-se ao racismo que estrutura a nossa sociedade.

Para Mbembe (2018), a expressão máxima da soberania dos Estados reside no poder de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Assim, as colônias operam como fronteiras sendo, em suma, zonas em que os controles e as garantias da ordem judicial podem ser suspensas. Assim, nas colônias o soberano pode matar a qualquer um e de qualquer maneira, sem normas legais e institucionais. De acordo com Lima (2018), o genocídio da população negra constitui hoje um dos grandes traços de uma necropolítica à brasileira que se encontram na formação histórica de como nos constituímos enquanto Nação.

Nos contextos brasileiros, o poder necropolítico se faz visível no sistema carcerário, na população em situação de rua, nos *apartheids* urbanos nas grandes e pequenas cidades brasileiras, em dados relevantes, no genocídio da população negra em que sua maioria é jovem e masculina, na eclosão dos grupos dos justiceiros, nos hospitais psiquiátricos, nas filas das grandes defensorias públicas, nas urgências e emergências hospitalares, entre tantos outros lugares. (Lima, 2018, p. 28)

bell hooks, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense (2019) inicia o capítulo intitulado “Reconstruindo a masculinidade negra” em seu livro *Olhares negros, raça e representação* abordando o quanto a masculinidade de seu irmão sempre foi negada pelo seu pai biológico por não

corresponder a certos ideias do que seria considerado um homem negro conforme ditado pelo sistema patriarcal⁴ supremacista branco capitalista De acordo com a autora, diversos livros, ao retratar as masculinidades negras, majoritariamente escritos por pessoas brancas e poucos por pessoas negras, difundem a mensagem de que a masculinidade negra é homogênea, construindo a noção dos homens como “fracassados”, “fodidos psicologicamente”, “perigosos”, “violentos”, “maníacos sexuais” e que são influenciados pela sua inabilidade de realizar o destino masculino falocêntrico⁵.

Deve-se citar que a Branquitude - estrutura social onde a norma é branca - “brinca” com a masculinidade negra conforme a convém, por vezes a idolatrando, por vezes a vilanizando. hooks (2022) no livro *A gente é da hora: homens negros e masculinidade* aponta o imaginário do homem negro bandido, agressivo, presentes em músicas, vídeos, filmes e principalmente no rap e hip hop estadunidenses, sendo aplaudidos e vendidos e, numa mesma tomada, rechaçados pelo machismo que apresentam. Assim, as imagens das masculinidades negras vendidas por essas obras são evocadas quando supremacistas brancos buscam apoio para o ataque genocida aos homens negros, especialmente os jovens.

Os homens negros influenciam muito pouco nesse estereótipo e, de acordo com a autora, “raros são os homens negros que recusam tal categorização.” (hooks, 2022, p.34) Assim, deve-se citar que muitas pessoas negras acabam por perpetuar essas representações, agindo em conformidade com o status quo, principalmente homens negros que reproduzem diversas violências acreditando que, dessa forma, podem alcançar o ideal masculino falocêntrico do que é ser homem. Muitos comportamentos destrutivos dos homens negros são adotados em nome da virilidade e reforçados pelo falocentrismo, afirmando suas capacidades de serem durões, perpetuando violência contra os próprios negros, em especial as mulheres, enfraquecendo as relações familiares e sendo influenciados pela falta de cuidados preventivos com a saúde e até mesmo o uso abusivo de drogas.

Porém, deve-se citar, ainda de acordo com a autora que quando a atenção é direcionada àqueles homens negros que se opõem ao machismo dominante, que são desleais ao sistema patriarcal, mesmo que sejam considerados exceção, a possibilidade de mudanças e resistências às estruturas em que estamos inseridos, é afirmada. hooks (2022) ainda acrescenta que qualquer crítica ao considerado

4 Sistema político modelador da cultura e dominação masculina, especificamente contra as mulheres, e reforçado pela religião e família nuclear que impõem performances de gênero desde a infância baseados em identidades binárias, influenciados pela noção de homem e mulher biológicos. (Akotirene, 2019)

5 De acordo com hooks (2019, p.139) “onde o que um homem faz com seu pênis se torna o caminho maior e mais acessível para garantir o status masculino”.

“macho negro”, ao machismo negro, que não lancem olhar às ações dos homens negros que subvertem e desafiam o status quo não pode ser considerada uma intervenção e os relatos que dão a entender que todos os homens negros são machistas fazem parecer que não há possibilidade de modificação, que não há mais alternativas frente a estrutura dominante.

De acordo com Soares, Quadros e Mattos (2022) no artigo *O pranto nas masculinidades negras: das águas de AmarElo que (de)moram nos olhos* ao deixar-se os ideais masculinistas ecoarem ralo abaixo, é que se pode banhar em outras representações, múltiplas, do que é ser homem e do que é ser homem negro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a realização da primeira entrevista, o Cria, antes mesmo de ser questionado sobre a sua percepção de violência na Maré, ainda enquanto estávamos na primeira parte do roteiro, prontamente trouxe que era cria da Maré, ou seja, nascido e criado, mas que não morava mais no Complexo da Maré por conta das operações policiais que ele classifica como abusivas.

Apontou, também, que parou de trabalhar como DJ em bailes na sua favela de origem devido ao mesmo motivo, apontando que, por mais que os moradores de favela saibam, ou não, dos seus direitos enquanto cidadãos são violentados de diversas maneiras durante as operações policiais, desde levar um tapa na cara, ter seu aparelho celular revistado e/ou até mesmo correndo o risco de morte.

O Cria, em suas falas, relacionava muito o fato de ser uma pessoa negra moradora de favela e o tratamento aos quais recebem com a Lei da Vadiagem⁶, apontando que o Estado ainda os enxerga dessa forma, trazendo: “Como disse: o samba foi perseguido, a capoeira foi perseguida, nós que somos negros fomos perseguidos pela Lei da Vadiagem, tá ligado?” e completa “Tem trabalho, não? Bora. Tu é bandido”. Dessa forma, por mais que ainda esteja na Maré com uma certa frequência, realizou o movimento de saída desse território tanto enquanto morador como DJ de baile Funk por lá, apontando que “Eu sendo um corpo preto é complicado morar na favela, vendo todo esse cenário aí de guerra, esse looping repetitivo de mortes e ninguém faz nada. É só um arquivo arquivado e ninguém faz nada.”. Aqui relaciona-se ao que Souza (2020) traz quando problematiza a criminalização

6 Delito que existe no direito penal brasileiro desde os tempos do Império e enquadra os indivíduos que não têm trabalho e se dedicam à ociosidade. A punição está atualmente prevista na Lei das Contravenções Penais (Decreto-Lei 3.688), assinada pelo presidente Getúlio Vargas em 1941, na ditadura do Estado Novo. A ociosidade pode custar aos vadios até três meses de prisão. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/09/delito-de-vadiagem-e-sinal-de-racismo-dizem-especialistas>>.

do Funk, afirmando que ele deve ser tratado como cultura e não como caso de polícia, apontando que o Estado tem servido como o principal censor da realização de bailes funks, principalmente e exclusivamente em territórios favelados e de periferias, principalmente quando falamos de um país marcado pela Necropolítica e são os jovens negros que mais morrem em decorrência a ações policiais no Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020).

O rapaz comentou que foi começando a perceber essas formas de tratamento e também a se questionar a respeito das operações policiais ainda em sua adolescência, conforme foi ficando mais velho, e traz também que até as vestimentas, certas marcas de roupas e modos de se vestir de pessoas moradoras de favela começaram a ser vistas como o estigma de ser favelado e serem discriminados por conta disso, onde traz: “Depois de algum tempo, né... A gente vai vendo. Quando você chega com uns 15 anos, que você começa a ser abordado, tá aqui, as pessoas começam a te olhar torto, o que você está vestindo, se você tá de Nike⁷, se você não tá, se você tá de Kenner⁸, né. E separaram muito isso, né? Até as roupas, assim, eles tentaram separar. Esse cara é da favela, ele tá com essa roupa aí de Nike e Adidas⁹, estão a gente não pode, né. Hoje... hoje, a Kenner é... é referência, né? Antigamente foi muito... antigamente marca de favelado. Nike, marca de favelado, né? E a gente começa a ser abordado de outra forma pela polícia. A gente não entende porquê. Eu não entendia porque eu tava sendo abordado daquela forma...”. O rapaz também traz, até mesmo antes do início da entrevista, sobre uma certa impossibilidade de se circular de uma favela da Maré a outra, muito por conta de uma certa “linha imaginária”, trazida por ele, onde moradores que são de favelas distintas, comandadas por facções distintas ou pela milícia, não podem circular de um território a outro.

Isso chamou bastante atenção - apontando que até mesmo o quanto os Funks por si só em suas composições são territoriais e que para se gerar uma maior “união” entre toda a Maré, ele e outros amigos tentam produzir composições que tragam em suas letras a Maré mencionada de uma maneira geral e não apenas referências à favelas específicas, - principalmente em relação à entrevista com a Amiga que afirmou que realiza uma grande circularidade por diferentes regiões da Maré, por mais que considere que esse movimento não se dá da mesma maneira para todas as mulheres transgênero e travestis, e quando questionada se enxergava uma diferença nessa circularidade entre corpos femininos, masculinos

7 Empresa estadunidense de calçados, roupas e acessórios fundada em 1972.

8 Linha de sandálias lançada no Rio de Janeiro em 1988.

9 Empresa de calçados, roupas esportivas e equipamentos esportivos fundada na Alemanha em 1922.

e dissidentes de gênero pelos territórios da Maré, ela aponta que acredita numa diferença conceitual, epistemológica e geográfica entre os termos “lugar” e “território”, apontando que o termo território envolve relações de interesse, poder e conflito e que, para um lugar ser territorializado e ser lido como território, envolve o conceito do que é territorial e assim relações de conflitos de poder, de poderes paralelos e disputas de narrativas já que a Maré é composta por 16 favelas, com suas suas particularidades e construções em décadas diferentes, tendo a presença de duas facções rivais e a milícia, então, aí sim enxerga a Maré como um lugar territorial. A amiga traz o seguinte apontamento “Onde se você tá numa favela comandada por uma facção X, né, se você for homem, negro, retinto, hétero e com uma estética, do que... para os olhos das pessoas, enfim, construídas pela ignorância da elite, entende como parece ser um bandido, isso é um risco. Conheço muitos amigos homens que pra atravessar de uma região à outra na Maré são parados, né, são questionados. Tem até um certo medo, um receio... Aí atravessa pela Avenida Brasil. E aí corpos femininos, no geral, não passa tanto por isso, né? Então, essa territorialidade vai ser um marcador de gênero, um marcador estético e vai ser um marcador também do quanto você é ou não uma pessoa anônima dentro da sua própria favela.”

Acreditamos que todos esses apontamentos, tanto do Cria quanto da Amiga, trazem resquícios de uma certa masculinidade negra e de como ela é vista em territórios de favela e periferias, já que há no imaginário social, como aponta com hooks (2019, p.148), “na cultura popular, as representações da masculinidade negra se igualam ao falocentrismo bruto, ao ódio pelas mulheres, a uma sexualidade combativa “estupradora” e a um claro desprezo pelos direitos individuais.” E, segundo hooks (2022), sendo vitimizados por estigmatizações que foram articulados no século XIX, quando se une raça e classe, e ainda ao patriarcado, perpetua-se na mente e no imaginário social, até os dias atuais, as imposições de uma identidade patriarcal masculina de gênero sobre os homens negros, sendo estes vistos como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos, com essas imagens se sobrepondo às identidades que os homens negros possam criar por si mesmos.

Porém, a fim de não realizarmos essencializações a priori, enxergamos que a Interseccionalidade, nesse momento, ressalta-se de forma mais expressiva e deve ser convocada para compor essa discussão. De acordo com Carla Akoti-rene, escritora e ativista política, no livro *Interseccionalidade* (2019), o conceito de Interseccionalidade é um recurso analítico pensando pioneiramente por feministas negras a partir de suas experiências e reivindicações intelectuais que eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, principalmente dando foco em homens negros. A Interseccionalidade foca na

inseparabilidade do Racismo, do Capitalismo e do Cisheteropatriarcado, dando luz a como mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe. Assim, afasta-se o desvio analítico para apenas um eixo de opressão.

Como apontam Díaz-Benitez e Mattos (2019), o gênero, no pensamento feminista negro, coloca-se como a produção de uma diferença que não existe de forma separada a outras diferenças. A Interseccionalidade interdita aforismos matemáticos, ou comparativos e afasta a perspectiva de hierarquização de sofrimentos. No lugar de se somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam os corpos, sendo experiências modeladas por e durante as estruturas estabilizadas pelas matrizes de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a categoria identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações e características, mesmo que nem todas sejam explícitas.

[...] Seguindo essa crítica, por exemplo, seria errado partir da ideia de que um homem gay, pobre e negro é três vezes oprimido de modo por se, sem dar atenção a outras especificidades da vida social desse sujeito, a suas redes de relação ou a seu contexto de vida. É possível, por exemplo, que em um contexto de favela ou de extremo policiamento, um jovem gay seja menos cotado pela vigilância policial, isto é, menos identificado como “traficante” justamente porque não responde à masculinidade que se imagina para esse sujeito, ou é possível que esse mesmo jovem seja evangélico e que nesse contexto seja sua religião o marcador que assumiria maior peso nas suas interações sociais mais imediatas. (Díaz-Benitez e Mattos, 2019, p.77)

Piscitelli (2008) aponta para a necessidade de perceber que as categorias de diferenciação produzem efeitos distintos a depender do contexto, do momento histórico e das especificidades econômicas, sociais e culturais de determinado contexto. Assim, a diferença não pode ser pensada como desigualdade de maneira antecipada, já que ela pode remeter a diversidade, igualitarismo ou agências favoráveis aos sujeitos.

Devemos convocar a Interseccionalidade também, pois a Princesa, até o presente momento do campo, foi uma das poucas mulheres a serem encontradas, tanto nos flyers de divulgação dos bailes, quanto em indicações e em redes sociais, na produção de bailes da Maré. Além disso, aparece não apenas a dificuldade de se encontrar mulheres, cisgênero ou transgênero, mas também corpos LGBTQIAPN+ na produção de Funks na Maré, para além da presença em bailes e em festas. Deve-se ressaltar que é um primeiro achado num primeiro momento do campo, dentre as 16 favelas. Começamos a questionar onde estão essas pessoas então, já

que a própria Princesa, e também o Cria, apontam em suas entrevistas, os bailes como um ambiente majoritariamente masculino “e de homens”, de acordo com a Princesa, com ela já tendo sido retirada de palcos dos bailes a força por homens que não aceitavam o seu trabalho e que, atualmente, isso já não acontece mais, mas abrindo a discussão para as violências de gênero que homens negros perpetuam em suas práticas, como hooks (2022) sinaliza. Chama atenção, também, o fato da Princesa não ser oriunda do Complexo de Favelas da Maré, nem moradora de uma das favelas, sendo acolhida e reconhecida como residente e representante de um dos bailes da Maré.

Segundo hooks (2022), as mulheres negras não podem falar pelos homens negros, mas nós podemos falar **com** eles. E também, como apontam Jorge e Poets (2021) no livro *Maré de Dentro: arte, cultura e política no Rio de Janeiro*, devemos também provocar fissuras no arquétipo homem cristalizado em contextos de favela, a fim de contradizer a lógica dominante das masculinidades, em que a ideia de agressividade está atrelada, principalmente às masculinidades negras. Devemos convocar o conceito de Interseccionalidade a fim de pensarmos possibilidades de abertura e torções de estereótipos. Corroborando com os questionamentos de Soares, Quadros e Mattos (2022), nos instiga investigar se o deslocamento provocado pela arte e cultura, aqui especialmente se tratando da música, nos ajuda a tensionar o projeto colonial e produzir **outras** masculinidades negras, principalmente quando se trata de pessoas negras identificadas pelo gênero masculino performando suas experiências e construindo uma disputa no tecido social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interessa-nos, nesse momento inicial de dissertação de Mestrado, com os achados iniciais do campo a partir das entrevistas realizadas, não estabelecer um fechamento desta discussão, mas justamente abri-la convocando diferentes atores sociais pois, corroborando com Soares, Quadros e Mattos (2022), estabelecer a pluralidade das masculinidades negras é ouvir mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, homens que não performam a cisheteronormatividade¹⁰, sem os quais as dores oriundas das violências sexistas permanecem inscritas dentro dessa lógica racista dominante. Devemos convocar o conceito de Interseccionalidade principalmente como Metodologia de pesquisa a fim de pensarmos possibilidades de abertura e torções de estereótipos sobre homens negros e hooks (2022) ainda acrescenta que qualquer crítica ao considerado “macho negro”, ao machismo negro, que não

¹⁰ Norma social que dita a cisgeneridade e a heterossexualidade como padrões hegemônicos.

lancem olhar às ações dos homens negros que subvertem e desafiam o status quo não pode ser considerada uma intervenção e os relatos que dão a entender que todos os homens negros são machistas fazem parecer que não há possibilidade de modificação, que não há mais alternativas frente a estrutura dominante. Durante as entrevistas, nesse primeiro momento do campo, ressalta-se a intersecção não apenas entre gênero e sexualidade, mas também com a cisheteronormatividade e como fragmentos de um ideal de masculinidade hegemônica dominante ainda aparecem nas falas dos entrevistados e na prática Funk realizada em alguns bailes do Complexo de Favelas da Maré.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra. 2020.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.

BENEVENTO, Claudia Toffano. Cultura Funk e cultura popular no Rio de Janeiro: contribuições ao estudo da consciência política da mulher trabalhadora no Complexo de favelas da Maré. 2019.

BRAGANÇA, J. S. **Preso na gaiola: A criminalização do funk carioca nas páginas dos jornais do Brasil (1990-1999)**. Curitiba: Editora Appris, 2020.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; MATTOS, Amana. Interseccionalidade: zonas de problematização e questões metodológicas. **Metodologia e relações internacionais: debates contemporâneos**, v. 2, p. 67-94, 2019.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante. 2019.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acessado em 31 de Out. de 2023.

JORGE, A; POETS, D. O poder artístico da exibição Maré de Dentro. In: BARNES, N;

POETS, D; STEPHESON, M. **Maré de Dentro: Arte, Cultura e Política no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. 2021.

LIMA, Fátima. (2018). Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.sp.): 20-33.

LOPES, Adriana Carvalho. **Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca**. Campinas, SP, 2010.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PISCITELLI, Adriana. Genero: a historia de um conceito. In: ALMEIDA, Heloisa;

SZWAKO, Jose (eds.). Diferencas, Igualdade. Sao Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009.

_____. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. Sociedade e Cultura, 11(2), p.263-274, jul.-dez. 2008

RAMOS, Lázaro et al. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Editora Elefante, 2022.

SOARES, D; QUADROS, L; MATTOS, A. O pranto nas masculinidades negras: Das águas de AmarElo que (de)moram nos olhos. **REBEH: Revista brasileira de estudos da homocultura**. Cuiabá, Mato Grosso. V. 5. N. 16. 2022. P. 146-170.

SOUZA, Renata. **Cria da favela**: resistência à militarização da vida. Boitempo Editorial, 2020.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência 2016: homicídios por arma de fogo no Brasil.

FLACSO Brasil. Disponível em: https://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web-1.pdf. Acesso em: 08 de Nov. de 2023.